

CRIADO EM ANGRA DO HEROÍSMO PELO MÉDICO HENRIQUE HENRIQUES FLORES

As incríveis histórias do primeiro laboratório dos Açores



SIMÕES FLORES Médico cirurgião doou laboratório do pai ao Museu de Angra

Em 1933, abria em Angra do Heroísmo o primeiro laboratório de análises clínicas dos Açores. Por ele passaram a peste e a febre tifoide. Mas também se fizeram testes de gravidez com coelhas e vigiou-se a saúde das “meninas”, quando a Terceira era dos soldados ingleses.

HELENA FAGUNDES, di

Vírus, testes, resultados. Com a Covid-19, as palavras tornaram-se presentes no dia-a-dia, mas nem sempre foi assim. Houve um tempo em que as análises clínicas eram uma nova linguagem, recebida com ceticismo.

Foi na Terceira que surgiu o primeiro laboratório de análises clínicas dos Açores, criado pelo médico Henrique Henriques Flores, em 1933. Abriu primeiro na Rua da Sé, depois na Rua Direita. Nele, o médico trabalhou toda a vida.

O laboratório atravessou a peste, os surtos de febre tifoide e os outros

males que se foram abatendo sobre a população. Hoje, doado pelo filho, o também médico cirurgião Henrique Simões Flores, repousa como uma das reservas visitáveis do Museu de Angra do Heroísmo.

Algumas peças foram incluídas na exposição “A Ilha Terceira em Tempos de Peste”, que está na Sala do Capítulo, até três de outubro.

Tubos de ensaio, lâminas, microscópios, todo o tipo de aparelhos, máscaras de há um século atrás, ocupam uma divisão inteira, conservados apesar dos anos.

O grande combate à peste na Terceira foi travado a partir 1908, liderado por António Joaquim de Sousa Júnior, médico natural da Praia da Vitória, que foi chefe do Laboratório de Bacteriologia da cidade do

Porto.

Simões Flores refere que o laboratório do seu pai viveu os últimos tempos da peste. “O último caso de peste que houve aqui em Angra foi no Caminho Novo. Um rapaz ficou doente e chamaram um médico militar, que estava no castelo, na tropa, devia ter vinte e poucos anos. Ele entrou no quarto, começou a auscultar e, de repente, o rapaz teve um ataque de tosse e um vômito de sangue, que o atingiu. Nessa altura, fez o diagnóstico e disse ‘esse rapaz está com peste’. Morreram o médico e mais 15 pessoas, da casa e da casa ao lado”, conta.

Henrique Henriques Flores, licenciado em Medicina e Cirurgia em Coimbra, tornar-se-ia Delegado de Saúde Pública, diretor do Labo-

ratório de Águas da Junta Geral e também diretor do Hospital de Isolamento.

“O meu pai dedicou-se muito a fazer o exame das águas”, recorda Simões Flores. “Quando os ingleses vieram para a ilha, exigiam esse controlo”.

Simões Flores relata que havia “coisas horrorosas”. O Posto Santo, por exemplo, era uma zona de febre tifoide. “Ele descobriu que a fonte onde iam buscar água tinha atrás um curral de porcos”, abana a cabeça.

OS TESTES DE GRAVIDEZ E AS “MENINAS”

O laboratório guarda episódios curiosos, como os testes de gravidez daquele tempo. Estavam muito longe dos testes rápidos que se compram em qualquer farmácia.

“Antigamente, não havia nada do que há hoje em dia... Usavam a análise de Friedman, que era feita nos ovários de uma coelha. Durante 15 dias, a coelha estava separada do macho. Passado esse tempo, o meu pai recolhia a urina da senhora que estava com suspeita de gravidez e injetava na veia na orelha da coelha. Esperava 48 horas”, explica.

Uma pequena “mesa de operações” de madeira para colocar o animal anestesiado faz parte dos objetos doados ao museu. “Se a coelha tinha nos ovários os folículos, era

sinal de que a senhora estava grávida”, conta Simões Flores.

O teste apenas falhou uma vez, com um casal “muito conhecido aqui na terra”, em que a esposa já tinha alguma idade. Os sinais de gravidez repetiam-se, mas os testes eram sempre negativos. “O meu pai insistia que ela não estava grávida. Conclusão, passados nove meses, a senhora teve uma criança. Um rapaz com 14 anos trabalhava na casa que a gente tinha em São Carlos. As coelhas tinham de ficar separadas, mas descobrimos que ele divertia-se a misturar tudo”, ri-se.

Henrique Henriques Flores também vigiou o estado de saúde das “meninas” da ilha. “Os soldados ingleses, quando chegaram aí (em 1943) queriam vinho do porto e mulheres”, resume Simões Flores.

“O meu pai era Inspetor de Saúde nessa altura e tinha de fazer o registo das prostitutas e a inspeção”, conta.

Havia um livro mantido em segredo com o nome das mulheres. Estava montada uma sala de desinfecção na Rua do Santo Espírito, onde os soldados tomavam duche antes e depois.

Simões Flores, com 85 anos, cresceu com o laboratório. Conta que o pai insistiu para que ele “fosse para análises”, mas que escolheu ser cirurgião. Também Henrique Henri-



MÁSCARAS As que estão no Museu de Angra têm quase um século

ques Flores tinha trabalhado como cirurgião no Hospital Militar da Terra Chã e no Hospital de Santo Espírito. Hoje com 85 anos, o filho fala de cada peça que está no museu com pormenor e cuidado. Sabe que é um património que permanece.

O diretor do Museu de Angra, Jorge Paulus Bruno, sublinha a importância da doação, feita em 2016: “Este

laboratório, na altura, era topo de gama. Era que se estava a fazer na Europa. Em 1928, Alexander Fleming tinha descoberto a penicilina. Começavam-se a montar os laboratórios e este foi o primeiro nos Açores”.

A novidade era tal que até se dizia “análises para quê?”. A pergunta que ninguém faria hoje. ■



LABORATÓRIO Algumas peças estão na exposição “A Ilha Terceira em Tempos de Peste”